



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS - IFG
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA

MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – REDE PROFARTES

ROGÉRIO PEREIRA DOS SANTOS

PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM ENSINO DE DANÇA
NO ENSINO FUNDAMENTAL I DO MUNICÍPIO DE MAURILÂNDIA -
GOIÁS

APARECIDA DE GOIÂNIA
FEVEREIRO, 2024

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO

NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☒ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☐ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: **Rogério Pereira dos Santos**

Matrícula: **20221090120153**

Título do Trabalho: **Proposta de Formação Continuada em Ensino de Dança no Ensino Fundamental I do Município de Maurilândia - Goiás**

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
 2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
 3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).
- Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:
- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
- ☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
- ☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

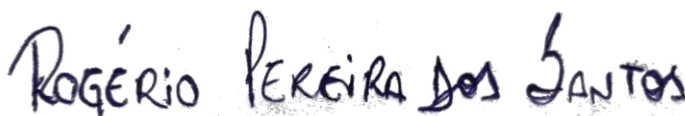
O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Aparecida de Goiânia, 04/03/2024 .

Local

Data



Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

ROGÉRIO PEREIRA DOS SANTOS

**PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM ENSINO DE DANÇA
NO ENSINO FUNDAMENTAL I DO MUNICÍPIO DE MAURILÂNDIA -
GOIÁS**

Artigo para o Exame de Trabalho de Conclusão, acompanhado de “Proposta pedagógica”, apresentado ao curso de Mestrado Profissional em Artes, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Gomes Ribeiro.

APARECIDA DE GOIÂNIA
FEVEREIRO, 2024



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - Rede PROFARTES

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO

Aos quatro dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e quatro, às 19 horas, foi realizada de forma remota a sessão pública de defesa de Trabalho de Conclusão de **ROGÉRIO PEREIRA DOS SANTOS**, discente do Programa de Pós-Graduação em Artes - Mestrado Profissional em Artes, autor do trabalho intitulado **"PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM ENSINO DE DANÇA NO ENSINO FUNDAMENTAL I DO MUNICÍPIO DE MAURILÂNDIA - GOIÁS"**. A banca foi composta pelos seguintes membros: Prof^ª. Dra. Luciana Gomes Ribeiro, Prof^ª. Dra. Nayara Joyse Silva Monteles, Prof^ª. Ma. Giovana Consorte de Souza, Prof^ª. Dra. Valéria Maria Chaves de Figueiredo, sob a presidência da primeira. Após a apresentação do trabalho, tendo sido o autor arguido pela Banca Examinadora, o aluno foi considerado **APROVADO** pelos membros da mesma.

Encerra-se a presente sessão às 21 horas. Eu, Prof^ª. Dra. Luciana Gomes Ribeiro, dato e assino a presente ata, que segue assinada por todos os membros da banca e pelo discente.

(assinado eletronicamente)

Prof^ª. Dra. Luciana Gomes Ribeiro
Presidente da Banca - Orientadora (IFG)

(assinado eletronicamente)

Prof^ª. Dra. Nayara Joyse Silva Monteles
Membro Interno (IFG)

(assinado eletronicamente)

Prof^ª. Ma. Giovana Consorte de Souza
Membro Externo (IFG)

(assinado eletronicamente)

Prof^ª. Dra. Valéria Maria Chaves de Figueiredo
Membro Interno (UFG)

(assinado eletronicamente)

Rogério Pereira dos Santos
Discente do Mestrado Profissional em Artes

Documento assinado eletronicamente por:

- Rogério Pereira dos Santos, 20221090120153 - Discente, em 03/05/2024 21:49:49.
- Giovana Consorte de Souza, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 05/04/2024 09:41:14.
- Valéria Maria Chaves de Figueiredo, Valéria Maria Chaves de Figueiredo - Docente - Ufg (01567601000143), em 04/04/2024 21:13:38.
- Nayara Joyse Silva Monteles, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 04/04/2024 21:12:18.
- Luciana Gomes Ribeiro, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 04/04/2024 21:07:00.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 01/04/2024. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 524247
Código de Autenticação: 25c42bbc5e



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Avenida Universitária Vereador Vagner da Silva Ferreira, Qd. 1, Lt. 1-A, None, Parque Itatiaia, APARECIDA DE GOIÂNIA / GO,
CEP 74968-755
Sem Telefones cadastrados

PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM ENSINO DE DANÇA NO ENSINO FUNDAMENTAL I DO MUNICÍPIO DE MAURILÂNDIA - GOIÁS

Rogério Pereira dos Santos

RESUMO

Este artigo é um relato de experiência fruto de uma pesquisa realizada dentro do PROF-ARTES, que é um programa de Mestrado Profissional (*Stricto sensu*) em Artes com área de concentração em Ensino de Artes e tem como instituição proponente de pesquisa o Instituto Federal de Goiás – Campus Aparecida de Goiânia. A pesquisa envolve o processo de elaboração, aplicação e avaliação de uma formação continuada específica em dança para professores da rede pública do Ensino Fundamental I do município de Maurilândia/Goiás. O objetivo geral dessa foi ampliar e aprofundar as possibilidades de ensino e aprendizagem desse conteúdo em âmbito local, valorizando a dança como conhecimento artístico. Nessa busca, utilizamos a pesquisa-ação, a fim de melhor compreendermos, interpretarmos e modificarmos a realidade local. Essa se deu por meio de uma escuta ativa diante das realidades apresentadas pelas professoras participantes.¹

Palavras-chave: Dança. Ensino de Dança. Formação de professores. Experiência.

¹ A pesquisa contou com a colaboração/participação de sujeitos, com **aprovação** pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/IFG, Plataforma Brasil, sob o **Número do parecer 6.059.271**. O público-alvo selecionado foram 32 professoras/regentes das três escolas públicas do município de Maurilândia, no Estado de Goiás.

1. Como tudo começou

Se comparado com os outros componentes curriculares, a Arte recebe uma valorização mínima na escola, e a Dança é ainda uma das menos presentes entre as quatro linguagens formalmente configuradas, um fator que se refere ao modelo de conhecimentos valorizados pela escola que visa os conhecimentos lógico-matemático e linguístico acima dos demais. Destacamos que no município de Maurilândia – Goiás também vamos ao encontro dessa triste realidade.

Maurilândia é um município localizado no Sudoeste goiano, faz divisa com os municípios de Rio Verde e Santa Helena de Goiás e tem uma população de aproximadamente 13 mil pessoas. Teve início a partir da exploração de garimpo de diamantes às margens do Rio Verdão, tornando-se Distrito de Rio Verde e, posteriormente, município em 14 de novembro de 1963. A origem do nome foi uma homenagem ao governador de Goiás, Mauro Borges Teixeira, e ao deputado estadual, Maurílio, que “lutou em prol da emancipação” (Abreu, 2005, p. 37).

A cultura de Maurilândia sempre esteve relacionada à religiosidade por meio de festejos juninos, folia de reis e de padroeiras, em que se destaca a presença da dança. Também com a catira, em apresentações escolares, além de constantes participações do circo na cidade e festas noturnas ao som de pandeiro e acordeon (Abreu, 2005, p. 31-32). Na educação, as escolas maurilândenses começaram a se constituir após a emancipação e atualmente a rede pública municipal conta com três escolas com 33 turmas do Ensino Fundamental I, sendo que duas delas se militarizaram há pouco tempo, são elas:

- Escola Municipal Militarizada Costa e Silva;
- Escola Municipal Militarizada Neide Carvalho de Souza; e
- Escola Armanda Malvina de Mendonça;

A escolha do município como local de pesquisa se deve ao fato de o pesquisador ser um professor do Ensino Fundamental I de Maurilândia. Já o interesse pelo ensino da dança se mistura com a história de vida do pesquisador. Antes dos 16 anos a dança teve pouco destaque, mas a partir dessa idade começou a ensaiar coreografias de danças midiáticas da época para dançar em festas com um grupo de amigos. Aos 27 anos iniciou uma licenciatura em Educação Física, época em que foi convidado a dar aulas de dança em academias de Goiânia. Com isso, começou um

processo de reflexão sobre a dança, passando a lecionar com o objetivo de levar o máximo de pessoas a dançar, nisso surgiu a compreensão de que todos os corpos podiam dançar, cada um à sua maneira.

Ao ingressar no PROF-ARTES, que é um programa de Mestrado Profissional (*Stricto sensu*) em Artes, com área de concentração em Ensino de Artes e tem como instituição proponente de pesquisa o Instituto Federal de Goiás – Campus Aparecida de Goiânia, o pesquisador percebeu a oportunidade de investigação sobre os motivos de sempre notar que a dança ocupava um lugar pequeno ou inexistente na escola.

Decidimos, de início, pensar em meios para melhor compreender os motivos que levam à desvalorização da dança na escola. A curiosidade deve ser a origem do aprendizado, pois é através dela que temos o interesse pela busca do conhecimento. Segundo Paiva (2017), essa curiosidade é o que proporciona a investigação, trazendo consigo descobertas que transformam a sociedade. Foi através da curiosidade que nasceu o interesse em iniciarmos essa pesquisa. Com base em observações empíricas identificamos as dificuldades das professoras de Maurilândia em lecionar a dança na escola, por vezes apresentando o conteúdo de forma distorcida e equivocada.

Diante disso, decidimos realizar uma pesquisa-ação, por considerá-la uma importante metodologia de pesquisa para compreender, interpretar e modificar a realidade. Outra justificativa dessa metodologia se refere ao fato de que nela se materializa a ação prática, citada por Engel (2000), tanto na ação quanto no envolvimento e na compreensão da situação, entendendo também que a verdade depende do histórico dos sujeitos pesquisados, ou seja, as professoras de Maurilândia, portanto, ela é relativa e necessita de observações e interpretações. A pesquisa-ação chamou nossa atenção por permitir a dinâmica de entrelaçar as fases da pesquisa, podendo sempre revisitá-las. Podemos, por exemplo, estar aplicando o plano de ação e colhendo novas informações capazes de modificá-lo de acordo com a realidade, contribuindo para o refinamento na construção do conhecimento.

Já na pesquisa-ação ocorre um constante vaivém entre as fases, que é determinado pela dinâmica do relacionamento entre os pesquisadores e a situação pesquisada. Assim, o que o torna possível na pesquisa-ação é apresentar alguns conjuntos de ações que, embora não ordenados no tempo, podem ser considerados etapas da pesquisa-ação: (GIL, 2017, p. 137)

Aplicamos como instrumento de coleta de dados uma entrevista estruturada, com o objetivo de que as problemáticas fossem apontadas pelos sujeitos da pesquisa, assim como suas respostas deveriam emergir de suas compreensões sobre essa realidade da dança na escola, gerando aprendizados significativos capazes de mobilizar a realidade das aulas de dança, especificamente das Escolas Municipais de Maurilândia. As entrevistas foram feitas *in loco*, individualmente com cada professora e gravadas em áudio. Optamos por elas, pois, segundo Severino (2016, p.134), esse tipo de entrevista possui “questões bem diretivas, obtém, do universo de sujeitos, respostas também mais facilmente categorizáveis, sendo assim muito útil para o desenvolvimento de levantamentos sociais”. Nelas havia questões específicas objetivando saber como essas professoras percebem a dança e quais os principais desafios e dificuldades para lecionar esse conteúdo.

Em seguida, realizamos a análise dos dados buscando a interpretação da realidade social, tendo atenção para não supormos resultados antecipados sem antes pesquisarmos sobre o assunto, evitando conclusões errôneas ou superficiais, sempre relacionando os dados com conhecimentos ampliados das nossas referências bibliográficas. Organizamos os dados obtidos em conjuntos de categorias de temas relevantes a serem abordados na formação continuada, e articulando-os com fundamentações teóricas sobre as temáticas. Na categorização, propomos uma análise qualitativa feita a partir de uma proposta dialética.

Esse primeiro diagnóstico possibilitou a comprovação das hipóteses iniciais sobre a forma distorcida e equivocada de lecionar a dança. A maioria das professoras entrevistadas assumiu não lecionar dança da forma adequada e o restante afirmou lecionar dança por meio de atividades impressas, colagens, pinturas, vídeos ou simplesmente colocando uma música e deixando que cada aluno dance conforme desejo, com um entendimento de que isso seria “dar aulas de dança”. Reconhecemos essas formas citadas como uma tentativa, mas compreendemos que lecionar dança envolve um conhecimento mais aprofundado e diretivo que seja capaz de valorizar a experiência da dança em si, relacionando a criatividade, a sensibilidade e o pensamento crítico.

Diante disso, decidimos elaborar e aplicar um plano de ação, uma formação continuada específica na atuação de ensino do conteúdo de dança para professores do Ensino Fundamental I da rede municipal de Maurilândia, buscando problematizar sobre as principais dificuldades e os desafios apresentados pelas professoras em sua

atuação, objetivando ampliar e aprofundar o processo de ensino-aprendizagem desse conteúdo em âmbito local, valorizando a dança como conhecimento artístico.

É importante ressaltar que ao final de todo processo foi produzido além do presente artigo, uma revista como um produto técnico de editoração, que recebe o nome de REMEXER: Revista Poético Pedagógica², realizada de forma poético-visual, contendo um relato mais apurado e lúdico sobre os aspectos culturais da dança em Maurilândia. Nela contém: dicas de como estabelecer um diálogo entre dança e religião; reflexões sobre as possibilidades do funk na escola; indagações sobre as denominadas musiquinhas infantis nas aulas de dança e as possibilidades de lecionar outros ritmos e composições musicais; indicações no trabalho com as danças em datas comemorativas; apresentação de fotos de como foi o processo coreográfico; e narramos como foi o processo de compreender se pode existir ou não dança em você.

A escolha da criação da revista, REMEXER: Revista Poético Pedagógica, se deu devido ao desejo de apresentação desta pesquisa de uma forma leve e descontraída, por meio de uma linguagem mais popular. Visamos assemelhar às revistas brasileiras de fofoca, realçando um tom de proximidade e intimidade que aconselha e compartilha segredos, faz uso de gírias e ditos populares querendo atizar a curiosidade e dando prazer à leitura. Realizamos a substituição dos nomes reais das professoras por fictícios de atrizes nacionais, e utilizamos palavras como “Divas” e “Estrelas” para ressaltar que essas professoras são mulheres fortes, marcantes, interessantes e notáveis.

2. Um pouco sobre escola, dança e formação continuada

Vemos a escola como um local de possibilidades de transformação social, nela acontecem os primeiros momentos de relação pessoal de uma criança fora do laço familiar, daí surge a chance de oportunizarmos uma formação integral baseada em comportamentos sociais, estimulando o convívio em sociedade, sendo sujeitos capazes de inferir de forma crítica, autônoma e criativa. De acordo com De Bonis Aro e Antunes (2021), somos seres humanos com relações sociais e sentimentos, aprendemos e ensinamos em um processo contínuo, portanto, para entender o que

² Disponível pelo link: <https://heyzine.com/flip-book/1231d62c9c.html>

aprendemos é preciso deixar emergir o lado afetivo, sentimental e emotivo. É através dessa escuta que podemos ensinar e aprender com nossos estudantes, da mesma forma que transformamos, somos transformados.

Identificamos a dança como uma das promotoras desse processo de aprendizado e, afirmando mais uma vez, para que ele seja significativo na educação tem que envolver o sujeito na dimensão estética. E especialmente sobre o sentir, quando falamos em sentimentos, referimo-nos a todos eles, até mesmo os que incomodam, que inquietam e que importunam, pois deles emergem novas formas de pensar e compreender o mundo.

Assim, percebemos estreitas relações entre a vivência estética do dançar e o que hoje se discute como uma inevitável e necessária busca por uma compreensão de mundo que atente para a complexidade da condição humana e do conhecimento. A reforma do pensamento proposta por Morin (1999a) insere-se neste contexto, propondo atitudes que sejam capazes de religar e solidarizar dimensões da vida tidas como excludentes, o que aponta também para uma atitude ética de solidariedade entre os indivíduos. (PORPINO, 2018, 113).

Possibilitar o acesso do estudante à dança é uma ação fundamental, mas não é o único caminho para uma formação integral do sujeito, necessitamos de professores preparados metodologicamente, que convidem o estudante a refletir de forma crítica, criativa e autônoma sobre a dança, sendo capaz de aprofundar no conhecimento estético sensível, reconhecendo sua cultura e compreendendo a do outro. Uma das formas de transformação dessa realidade é o investimento na formação continuada de professores, entendendo que só a formação inicial não é suficiente e precisamos nos atualizar constantemente para suprir as demandas do mundo contemporâneo. Sobre a formação inicial em Artes, Sardelich (p. 143, 2001), em pesquisa realizada, constata muitos aspectos deficientes, entre eles: a ausência de aprendizado para conduzir a prática em sala de aula; a dificuldade de conectar teoria e prática na realidade concreta; e uma educação que intenciona a reprodução ao invés da criação.

Ruzza (2008) ressalta a formação continuada como sendo fundamental para que o/a professor/a exerça sua função com qualidade, e cita a falta de tempo e oportunidade encontrada pelos profissionais atuais para se capacitarem.

Assim, a formação continuada deve desenvolver uma atitude investigativa e reflexiva, tendo em vista que a atividade profissional docente é um campo de produção do conhecimento.

A formação de caráter reflexivo considera o professor como sujeito da ação, valorizando suas experiências pessoais, suas incursões teóricas, seus saberes da prática, possibilitando-o no decorrer do processo atribuição de novos significados a sua prática, para que possa compreender e enfrentar os desafios com os quais se depara no dia-a-dia. (RUZZA, 2008, p.135).

3. Formação Continuada em Dança, a proposta

Ao final das entrevistas, constatamos que no município de Maurilândia o ensino da arte é, em sua grande maioria, ministrado por professoras pedagogas que não possuem a devida capacitação para lecionar a dança na escola, difundindo atividades fixadas pela repetição, resumindo a dança a atividades de pintura e colagem, ou simplesmente deixando o estudante dançar o que quiser e como quiser sem nenhuma intervenção mediadora, o que revela uma visão instrumental da dança, sempre ligada à ideia de proporcionar recreação ou lazer.

Como justificativa, afirmam não terem conhecimento e habilidade com a dança, sentindo-se inseguras ao lecionar, e apontam como causa, justa por sinal, uma formação fragilizada sobre esse conteúdo. Uma delas, mesmo com as dificuldades, afirma tentar trabalhar o básico, mas reconhece que deveria haver uma professora específica para lecionar as artes. Das 32 professoras somente duas afirmaram não ter interesse em participar de uma formação continuada em dança.

A construção deste plano de ação levou em conta a interpretação dos dados obtidos, a realidade concreta e o diálogo com referenciais teóricos sobre as temáticas. Propomos quatro módulos envolvendo as seguintes questões identificadas no diagnóstico: memórias dançantes; resgate de danças regionais do município; desenvolvimento das habilidades da psicomotricidade durante a dança; danças de roda; exploração de movimentação corporal diante de alguns ritmos musicais; danças em dupla; ativação da percepção estética do eu e do outro através da dança; seleção de músicas para as aulas de dança; a dança em um espaço reduzido; a dança nas datas comemorativas escolares; montagem coreográfica; formas de utilização do Tik Tok nas aulas de dança.

Durante a organização da formação continuada procuramos sempre proporcionar às professoras, uma relação com a dança pautada na experiência, e sobre esse conceito devemos esclarecer que algumas informações somente nos atravessam sem nada deixar, mas existem as que tocam, e a elas Bondia (2002)

denomina de experiência, que são as informações que nos afetam, provocando sentidos e sensações. Seguindo o mesmo pensamento, Cansi (2020) nos alerta que experiência não é só vivenciar o fato, mas sim pensar e ser tocado no sensível, o fato experienciado precisa, portanto, provocar transformações no sujeito, nisso o processo de ensino-aprendizagem deve fazer sentido concreto, é isso que faz com que o aprendizado seja significativo.

A Formação Continuada em Dança para professoras de Maurilândia – Goiás foi oferecida de forma gratuita e voluntária aos professores do Ensino Fundamental I do município, apoiada pela Secretaria Municipal de Educação Desporto e Lazer de Maurilândia, nos meses de junho e agosto do ano de 2023. Foi ministrada em quatro módulos, às sextas-feiras à noite, conforme escolhido pela maioria das entrevistadas, totalizando uma carga horária de 20 horas. No mês de junho de 2023 aconteceram o primeiro e o segundo módulo e no mês de agosto, do mesmo ano, o terceiro e o quarto.

A indicação das questões solicitadas serviu de molde para elaboramos os módulos e seus títulos: **memórias de dança**, por ser um meio escolhido para estimular os corpos a dançarem e iniciarmos os diálogos; **corporalidade dançada**, em que visamos a compreensão da feitura da dança a partir de diversos ritmos dançantes presentes na cultura brasileira; **e agora, como dançar?**, remetendo a desafios de realização da dança quando não se tem espaço físico; e **processos de criação em dança: consigo criar?**, para nos referirmos à criação coreográfica na escola. Esses módulos, assim como os diálogos realizados neles, serão apresentados a seguir.

3.1 MÓDULO I – Memórias de dança

No primeiro módulo objetivamos acionar as memórias dançantes das formandas e apresentar algumas danças de rodas, possibilitando a exploração e a compreensão dos motivos de dançar em roda. O primeiro objetivo se deve às respostas às entrevistas em que as professoras julgaram não saberem dançar, então ao trazermos essas memórias poderia ocorrer de elas perceberem que a dança faz ou já fez parte das vivências delas, e que essa mesma dança dançada fora da escola pode fazer parte da dança na escola. Ao darmos esse início, propusemos olhar para

essa dança como investigação dos movimentos e da expressividade, sendo com isso possível produzir conhecimentos que contribuiriam com a capacitação.

Observamos que a dança é uma área de conhecimento estereotipada e menosprezada na escola e um dos fatores que explicam isso se refere à tentativa de conter o movimento. Braga, Goettems e Prado (2021) explicitam a tentativa de silenciamento dos corpos na escola, pois os corpos que se movimentam muito são punidos enquanto os corpos aceitos nas escolas são os adestrados, passivos e submissos. Ato como correr, sorrir, gritar, pular, subir e pendurar são vistos como sinônimos de indisciplina. Precisamos entender que a necessidade de expressar e movimentar é própria da criança, ela quer mostrar o que pode fazer com seu corpo, e é preciso acolher esses movimentos, instigando a investigação e oferecendo possibilidades de ampliação do repertório. Toda essa situação de silenciamento dos corpos se reflete nos adultos da nossa sociedade. Nesse módulo, durante as atividades, ouvimos muitos relatos de professoras sobre não lecionarem a dança por não saberem dançar, apresentando sempre uma postura contida, dando a impressão de não se sentirem autorizadas a dançar na escola.

Interessante que essas mesmas professoras que relatavam não saberem dançar, quando tocava uma música que trazia lembranças, elas dançavam. Percebemos que o equívoco não está em dançar ou não, e sim, em saber ensinar a dançar. Essas professoras alegam terem uma formação inicial fragilizada no ensino da dança, pois não tiveram acesso a formações específicas, então, nessa capacitação, convidamos as mesmas a se reconhecerem professoras dançantes por meio desse processo investigativo das danças celebrativas do cotidiano. Nas atividades iniciais do módulo buscamos acionar a dança através das memórias, colocando músicas de ritmos e épocas diferentes e notamos que devagar os corpos iam reagindo. As lembranças afluíam as sensações e os movimentos, era nessa parte que provocávamos dizendo “então eram vocês que diziam não saberem dançar...”

Para auxiliar a essa compreensão, apresentamos a dança como uma prática artística, capaz de abordar experiências sensíveis, causando a imersão em um aprendizado significativo, que leva em conta o lado afetivo, sentimental e emotivo. Cansi (2020) nos alerta que experiência não é só vivenciar o fato, mas sim sentir, pensar e ser tocado no sensível. O fato experienciado precisa provocar

transformações no sujeito, nisso o processo de ensino e aprendizagem deve fazer sentido concreto.

É indispensável que a professora compreenda que mais importante que saber dançar é saber convidar o estudante a experimentar, sensível e criticamente, a dança para construir sentidos que o levarão a se propor de forma sensivelmente consciente na sociedade. Nessa busca, conduzimos as professoras a pensar, a pesquisar, a debater, a sentir e a perceber a dança, problematizando a forma reducionista de entendê-la apenas como atividade física, levando-as a compreender diversas formas de experimentar e usufruir. Como complementa Porpino (2018), é dessas reflexões que emergem novas formas de pensar, levando à capacidade de investigar e problematizar.

Na sequência, sugerimos fazer a retomada da cultura popular, buscando valorizar a vida cotidiana, quebrando o estereótipo de separação entre a dança que acontece dentro da escola e a dança fora dela, além de respeitar os conhecimentos prévios, fazendo com que os sujeitos (re) conheçam seus contextos históricos e culturais, como aponta Azoubel (2014) em seu trabalho. Segundo a autora, muitos sujeitos não reconhecem suas práticas de manifestações culturais como sendo relevantes. Ao falarmos em dança da tradição maurilandense, referimo-nos à compreensão de Vieira (p. 150, 2018) como “importante reconhecer a tradição como algo dinâmico e que se renova”, capaz de se modificar ao longo do tempo, surgindo inclusive novas tradições, e são essas tradições presentes que queremos enfatizar.

Ante o exposto, problematizamos sobre as manifestações de dança presentes no município e chegamos à conclusão sobre três manifestações: 1 - a quadrilha, que é festa tradicional do mês de junho, 2- o forró, dançado no espaço recreativo da rodoviária e 3 – a festa flashback, que ocorre anualmente na segunda metade do ano. Todas elas mobilizam boa parte da população.

Incentivamos a valorização da cultura popular do presente, sendo uma das características o zelo à diversidade. Sobre o assunto, Woodward (2013) nos mostra que a escola pública tende a minimizar esse atributo, buscando sempre uma homogeneização como forma de controle das classes populares, isso traz a não-valorização das artes da periferia, que tem quase sempre um enfoque de debate sobre as questões emergentes das necessidades sociais urgentes.

Na dança, a opção para contrapor essa tentativa de homogeneização se concretiza quando levamos os estudantes a vivenciarem, experimentarem e

apreciarem o universo multicultural das mais distintas formas dessas manifestações, mostrando também as tipicidades de danças regionais e locais, fazendo com que o sujeito conheça e se reconheça nela. Ao buscarmos valorizar as artes populares, entendemos que tanto os estudantes como as professoras, devem trazer para o espaço da escola as situações cotidianas do seu contexto para que sejam discutidas e refletidas, fazendo das aulas de dança um espaço para discussões, pesquisas, investigação, diálogos e análises necessárias para que ocorra a construção do conhecimento.

Durante a pesquisa, constatamos a dificuldade das professoras em reconhecer suas próprias manifestações, mas ao dialogarmos sobre as manifestações culturais de dança em Maurilândia percebemos que ela existe e é intensa. As quadrilhas que ocorrem nas festas juninas contam com a presença de grande parte da população, e são organizadas pela Secretaria da Educação, que fica com uma parte da arrecadação da venda de alimentação para suprir as festas escolares, nelas há apresentações juninas e presença de cantores contratados. O forró da rodoviária ocorre na feira coberta, um espaço público cedido para uma pessoa física desenvolver o forró, e acontece todas as sextas-feiras com som mecânico ou tocadores³ da região. A festa flashback é realizada anualmente por fiéis da igreja católica, que contratam bandas para tocar músicas exclusivamente dos anos 1960, 1970 e 1980 e a renda é voltada para a igreja. Todas essas manifestações são de confraternização e contam com a presença de todas as classes sociais. Essas reflexões e descobertas foram valorosas, pois direcionou as professoras a reconhecerem as danças populares locais que elas mesmas vivenciam.

Por último, abordamos a temática “danças de roda”, elencando e executando algumas danças escolhidas aleatoriamente: o carimbó, o samba de roda, as quadrilhas juninas e duas danças estrangeiras⁴. Procuramos enfatizar os elementos presentes na dinâmica de se dançar em roda, o dançar com o outro, o estar junto, o se sentir mais à vontade por estar em grupo e o poder olhar para o outro, mostrando possibilidades de dançar variados ritmos dançantes.

³ Tocadores são cantores com suas bandas musicais.

⁴ Dança das palmas de Israel, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OSVKIJN3V4A>, acessada em: 20/05/2023 e Dança Shetland Wedding da Escócia, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EjdlhOmZDT8>, acessada em 20/05/2023.

Ao percebermos o clima lúdico proporcionado pelo envolvimento com a atividade, o qual, segundo Farias e Marinho (2019), podemos notar por meio das expressões humanas representadas por emoções e comportamentos, sugerimos a criação de novos movimentos por parte das professoras, que se sentiram bem à vontade, fato provocado pela dinâmica da roda sobre a qual falaremos adiante.

Dançar no círculo. Experimentar outras linguagens, educação do sensível. Colocar-se em atitude receptiva, a ponto de poder ouvir o “murmúrio das vozes internas” (Hillman, 1984, p. 151) em seu particular idioma: fantasia, metáfora, analogia, poesia. Assim, ensaiaremos novos passos e, talvez, possamos ir quebrando a rigidez das verdades pedagógicas, experimentando a mobilidade de pensamento, negando o aprisionamento do fazer educativo no discurso do único. No diálogo com a arte, anuncia-se uma possibilidade de afirmar a multiplicidade e a beleza da vida, reivindicando essa mesma beleza para o cotidiano escolar. (OSTETTO, 2010, p. 53).

Provocamos assim diálogos relacionados à dinâmica do dançar em roda, que, segundo Silva *et al.* (2021, p. 2) tem “o propósito de dançar junto, favorecendo a aprendizagem e interconexão harmoniosa entre os participantes que começam a internalizar os movimentos, liberar a mente, o coração, o corpo e o espírito”. O fato de se olhar e olhar para o outro contribui para a ganho de confiança e o estar em grupo provoca um sentimento de união, igualdade e pertencimento. O ritual da roda proporciona também um foco de individualidade, pois para mantermos a estrutura da roda devemos nos concentrar na realização do nosso movimento.

Ao final, notamos que as professoras estavam sorridentes e bem-humoradas, pareciam satisfeitas com a proposta do módulo, foi como se essas memórias dançantes as motivassem a querer vivenciar mais e mais dessa dança que havia nelas. Aproveitamos para convidá-las para o próximo módulo com uma indagação sobre quais ritmos musicais podemos ou não trabalhar na escola e, por fim, agradecemos a presença de cada uma.

3.2 MÓDULO II – Corporalidade dançada

No segundo módulo objetivamos a compreensão dançante das diferentes variações de ritmos musicais, destacando as modificações da forma estética de se movimentar em cada um. Nisso, procuramos explorar a capacidade de apreciação e escuta da movimentação do outro, dando continuidade a uma comunicação por meio

da dança e, por último, dialogamos sobre assuntos sugeridos nas entrevistas, tais como: o desenvolvimento da psicomotricidade por meio da dança, o pedido de algumas professoras por materiais didáticos prontos e debates sobre escolhas musicais para as aulas.

Ao nos referirmos sobre corporalidade utilizamos as explorações, as discussões e o mapeamento propostos por Flores-Pareira, Davel, Dornelles de Almeida (2017), entendendo que o aprendizado corporal é expressado por situações de convívio, através de constantes trocas que envolvem sentimentos e intenções, é o corpo aprendendo pela experiência vivida. É uma “relação fundamental e inseparável que se estabelece entre corpo e mundo sócio-histórico-cultural” (FLORES-PAREIRA, DAVEL, DORNELLES DE ALMEIDA, 2017, p.195).

Assim, procuramos estabelecer uma relação de aproximação entre os pesquisadores e as pesquisadas, e com isso fomos capazes de fazer interrelações para além do pensamento comum, conseguindo captar informações mais profundas sobre as questões corporais.

Martins (2012) aponta para a necessidade da experimentação e vivência como produtora de cultura em uma formação continuada, assim, provocamos a compreensão dos lugares ocupados pelo corpo na dança. A autora cita ainda que refletir sobre nossas práticas é um exercício auto formativo capaz de provocar experiências, por isso procuramos sempre ativar o pensamento crítico por meio de diálogo e reflexão sobre a prática.

Na proposta, apresentamos variados ritmos dançantes, pedindo sempre que se movimentassem de acordo com as sensações causadas e dando atenção aos acentos, aos pulsos, à cadência, à velocidade e acima de tudo à forma como essas variações convidavam para as diferenciações de movimento corporal em cada ritmo.

Após o intervalo, realizamos um diálogo sobre a temática das relações entre psicomotricidade e dança. Compreendemos que, ao trazermos o conteúdo da dança já estamos trabalhando lateralidade, equilíbrio, tonicidade, organização espacial e temporal, motricidade fina, coordenação motora ampla e/ou imagem corporal. A dança é movimento estético que deve ser cercado de desejo de expressão, de ser movimento e é esse desejo que faz a psicomotricidade ser explorada no estudante de modo quase imperceptível. Ao girarmos em uma roda para o lado direito já trazemos a compreensão sobre direita e esquerda sem necessitarmos parar a aula para explicar sobre direção. O aprendizado vem rodeado de prazer em querer ser aquela dança.

Destacamos a solicitação de algumas professoras por materiais didáticos prontos, como livros ou apostilas, mas, na perspectiva que apresentamos, a dança não é acúmulo de conhecimentos prontos e sim experiência e investigação do próprio fazer artístico que precisa ser vivenciado diversas vezes e que é construído progressivamente durante as aulas. E mesmo que o conteúdo possa ser comum, a forma de aplicação deve ser exclusiva a cada turma para que se possibilite a melhor experimentação dele por parte dos seus estudantes. Assim, propomos uma dança que exige pesquisa, escuta e construção coletiva. Explicamos, como nos alerta Sardelich (p. 141, 2001), que o processo de formação continuada passa pela busca individual de cada professora por meio de constantes leituras especializadas sobre educação e, no caso, sobre arte e dança.

Notamos que essa necessidade por materiais didáticos vem do receio de se desviar do planejamento durante a aula, podendo não dar certo no final, mas o que seria dar certo na dança? Lara e Vieira (2010) nos ajudam a entender que dança é desafio e que, em se tratando de experiência estética, ela é imprevisível, portanto, se dar certo quer dizer sair como previsto, na dança isso não é o foco e é normal, e está tudo bem, é construção e reconstrução.

Ensinar é compartilhar, dialogar, aprender junto e olhar o outro, não como apanhado de ossos, órgãos e músculos, mas como ser sensível, racional, cultural, com potencial para criar, ter autonomia e conquistar liberdade. Essa é a condição ímpar para que possamos entender um pouco dos sujeitos com os quais atuamos, sendo conquistados por eles e também conquistando, num ato de amar/educar. (LARA; VIEIRA, 2010, p. 147).

Esse módulo foi pensado também como uma forma de mostrar possibilidades de ritmos dançantes no Ensino Fundamental I, além dos já conhecidos que se baseiam em músicas e coreografias infantis popularizadas nos meios de comunicação e redes sociais. Pelas entrevistas, observamos que as professoras lecionam a dança no Ensino Fundamental da mesma forma que lecionam na Educação Infantil, somente através de canções infantis. Ao mencionarmos isso, notamos, pelas expressões de surpresa em cada rostinho, que aparentemente fazem isso sem perceberem, sem refletirem. Uma das situações geradoras dessa situação se deve ao fato de que o município não conta com um quadro de professoras exclusivas para a Educação Infantil e para o Ensino Fundamental I, o que faz com que elas estejam sempre flutuando, com isso notamos que a dança é lecionada sempre da mesma forma em

qualquer uma das etapas. Diante disso, propusemos pensar em um processo de ensino e aprendizagem através do outro, trazendo para a escola variados ritmos musicais que estejam presentes no cotidiano dos estudantes.

Propus a pesquisa como recomendação, até porque temos disponíveis um grande repertório musical e com certeza há uma rica diversidade sonora e poética. Freire (p. 259, 2001) nos alerta que a profissão docente exige preparação, capacitação e formação constante, estudar requer o ato da leitura da palavra e do mundo, com isso ensinar exige pesquisa. Segundo o autor (1996, p. 14), a pesquisa deve vir de um conhecimento que respeita o senso comum, mas que procura bases no conhecimento científico, crítico e reflexivo, capaz de problematizar as mais diversas realidades. Com Azoubel (2014), percebemos também, sobre pesquisa artística, que ao valorizarem os contextos socioculturais presentes na vida cotidiana dos sujeitos envolvidos, as professoras são capazes de encontrar formas de ensinar a dança de acordo com a diversidade posta.

Sobre a indagação das professoras a respeito de alguns estudantes terem interesse por músicas atuais com conteúdo de apelo sexual, devemos inicialmente ponderar que a criança pode estar mais envolvida pelo ritmo dançante da música do que pelas palavras dela. Mas, mesmo que a letra nos incomode, podemos trazê-las para a escola, pois pensamos que a escola não deve ser um lugar de filtro de conhecimento e sim de análises, debates, ressignificação e produção de conhecimentos. Entendemos também que esse conhecimento não está sendo apresentado pela escola, os alunos trazem-no da sociedade com a qual convivem. Tomaz (2016), ao realizar uma pesquisa em que analisa a repercussão de um caso de uma criança cantar e dançar funk, infere que a infância é uma construção social do adulto. Nesse pensamento, podemos entender que para uma criança a compreensão de uma palavra, frase ou letra musical é diferente da interpretação de um adulto ou que a criança nem tem uma compreensão ampla e aprofundada do que está sendo dito, e sim do que ela alcança e vive. Por fim, podemos mediar esse conhecimento sim, levando em conta a maturação social do indivíduo.

Ao final do módulo foi possível notar o cansaço no semblante de cada professora, mas além dele observamos uma sensação de bem-estar presente nelas. Fizemos o convite para o próximo módulo que só ocorreria no segundo semestre, após as férias do meio do ano, mas que novamente incitaríamos algumas das temáticas pedidas nas entrevistas.

3.3 MÓDULO III – E agora, como dançar?

No terceiro módulo objetivamos a exploração da dança em espaço reduzido e a exposição e o diálogo sobre como abordar as danças em datas comemorativas. Como já tratamos, as artes ocupam um espaço de desvantagem em relação a outras áreas de conhecimento. Azoubel (2014) lista algumas dificuldades que uma professora encontra quando vai lecionar dança, entre elas, está a falta de equipamentos e de espaço físico, e cita ações desenvolvidas com recursos locais e em espaços alternativos dentro e fora da escola. “Com essa realidade dura, o corpo do aluno fica limitado a um espaço físico restrito, que não facilita a sua expressão e a exploração do corpo em toda a sua potência de movimentação, o que torna desafiadora a prática da Dança” (MACEDO, 2020, p. 70).

A realização da temática sobre dançar em espaço reduzido não deve ser entendida como aceitação de espaço reduzido, mas sim apresentar possibilidades de variar as aulas de dança, mostrando que não ter um espaço adequado não pode ser motivo para não lecionar. Entendemos que o movimento não deve ser limitado e mesmo através de um espaço físico reduzido podemos encontrar possibilidades de experimentações dançantes.

Após o intervalo debatemos sobre dança em datas comemorativas. Percebemos que a dança está presente em diversos momentos da instituição escolar e social, inclusive nas comemorações escolares, como apontam Correia, Allemand, Jesus (2022, p.2):

Trata-se de um saber popular que envolve música, dança, gastronomia, vestuário, ritos próprios, entre outros. Ou seja, estes momentos envolvem um conjunto amplo e complexo de manifestações culturais diversas e constituem-se como ambientes importantes de se fazer mostrar e de exaltar a cultura que produz uma ideia de sociedade com características próprias. Além disso, nestes momentos é possível incitar um engajamento social das comunidades sobre sua própria cultura, onde saberes-fazeres são experienciados e atualizados de forma colaborativa.

As danças nas comemorações são muito significativas, a reunião da comunidade é uma ótima oportunidade para apresentar a escola para as famílias e aproximar a sociedade da mesma. Porém, notamos que a dança nessas comemorações é desenvolvida de forma instrumental, descuidada, apenas para agradar ao público, sem reflexão, apresentando-se apenas como um produto final.

Segundo Fiamoncine (2003), isso ocasiona uma falta de sentido ou significado para quem está dançando. Na busca de um processo da dança consistente propomos uma abordagem que conduz a dança para além das apresentações, estando presente rotineiramente nas atividades escolares, valorizando em diversos momentos fora das apresentações. As apresentações de dança não devem ser ilustrativas e sim pensadas, investigadas, refletidas, elas devem ser construídas em conjunto com a comunidade escolar, sendo, portanto, democráticas, além de fazerem sentido concreto no aprendizado.

Considerando que em uma apresentação de dança podemos analisar diversos elementos, buscando sempre algumas reflexões críticas, propomos como exemplo a análise sobre as figurações estereotipadas de vestimentas nas quadrilhas juninas, que geralmente são reproduzidas sem nenhuma criticidade, beirando por vezes o desrespeito. Campos (2007), ao analisar os estereótipos presentes nas festas juninas, cita o desrespeito ao representar as vestimentas do homem do campo, contribuindo para o preconceito cultural com o mesmo, que é visto como “ingênuo, preguiçoso, desnutrido, doente, maltrapilho, rústico e desambicioso” (CAMPOS, 2007, p. 596), e apresenta a figura do Jeca Tatu, criada por Monteiro Lobato, como a melhor descrição desse estereótipo. Debates como esses foram propostos com a intenção de percebermos que situações corriqueiras que pensamos serem inocentes estão carregadas de significados, por isso análises críticas precisam ser realizadas constantemente sobre os elementos de uma apresentação.

3.4 MÓDULO IV – Processos de criação em dança: consigo criar?

No quarto módulo objetivamos a elaboração de uma célula coreográfica a partir de movimentos do cotidiano e também a apresentação de possibilidades de utilizar as mídias sociais no ensino da dança.

Na busca do primeiro objetivo nos baseamos no trabalho de Porpino (2014), em que pretendemos mostrar a possibilidade de criação coreográfica explorando as experiências dançantes das professoras. Sendo assim, antes de lecionar dança é necessário que a professora compreenda que a dança, em algum momento, passou ou passa por ela. Não negamos o fato de que ensinar dança exige conhecimento acadêmico, mas afirmamos que ao ensinar cada professora transmite muito de sua

prática dançante e essa prática expressa uma forma de leitura de mundo. Entendemos que não existe separação da dança e do dançarino, porque quando dançamos nos movemos conforme nossas experiências de vida, os gestos representam uma história e esses movimentos são tomados de um contexto sociocultural que se comunica com o mundo.

[...] como uma provocação que a faz pensar quão incomum é a relação entre o dançarino e a dança, uma vez que ao dançar o dançarino não se move através de uma forma, mas uma forma se move através dele, assim não é possível separá-lo de sua dança. (PORPINO, 2014, p. 49).

Com essas reflexões, sugestionamos construções e apresentações coreográficas baseadas em movimentos cotidianos próximos das suas práticas docentes. Um dos motivos de irmos por esse caminho foi no intuito de provocar experiências que dificilmente serão esquecidas, pois estamos mexendo com sensações e realizando autorreflexões significativas. Outro motivo se refere ao fato de mostrar outras possibilidades em contraposição à realização de movimentos mecânicos repetitivos e coreografias copiadas que não são capazes de provocar nem reflexões críticas e nem um processo de autonomia criativa.

Após a criação das células coreográficas tivemos momentos de apresentações, em que realizamos e assistimos. Então, dialogamos sobre o fato de que saber analisar criticamente é importante, porém devemos ir além e aprender a apreciar com traços semelhantes à do amador proposto por Marques (2010), referindo que ao termos contato com uma obra artística procuremos realizar com comprometimento sincero, procurando criar conexões, agindo com empatia, buscando encontrar prazer estético, ativando por vezes nossa capacidade imagética. Entendemos a apreciação como uma proposição de mão dupla, devemos estabelecer relação entre nós e a obra para que haja sentido. Quando apreciamos dessa forma realizamos leituras para além de dança que são leituras de mundo.

É eminente e evidente a disseminação das redes sociais virtuais, pois constantemente e em ações simples somos atingidos e levados por ela, modificando as atitudes e os costumes da nossa rotina. A influência dos aplicativos que apresentam a dança é cada vez mais presente na sociedade, porém, ao falarmos da escola, o uso dessa tecnologia permanece limitado. Na busca por atender aos pedidos das professoras em querer visualizar exemplos concretos das possibilidades de unir

a dança na escola com as danças vindas dos aplicativos, convidamos o Prof. Me. Jovair Batista de Jesus para apresentar sua pesquisa de mestrado. Em uma sintetização dos objetivos apresentados podemos perceber a intenção de possibilitar as experiências corporais de forma criativa e poética, provocando os estudantes a se reconhecerem como produtores de sentidos e realidades por meio da dança⁵.

Durante a apresentação, o professor nos informa que a dança está cada vez mais presente no território midiático e explica que ao iniciar um processo de pesquisa sobre o que os estudantes dançavam percebeu que muitas das danças partiram do aplicativo Tiktok⁶, a partir daí ele realizou diversas ações de danças que refletiram em significativas transformações no ensino da dança nessa comunidade escolar. Allemand e Bonfim (2020) mencionam que os estudantes compreendem dança apenas como um repertório de coreografias prontas como proposto pelos aplicativos de dança midiática, em que estes apenas repetem os movimentos de dança. Nosso convidado buscou, a partir de uma dança midiática, ativar outras possibilidades de movimentos dançantes baseados na dimensão estético-sensível, explorando a autonomia da criatividade e ampliando o olhar sobre a dança, propiciando novas narrativas dançantes.

4. Considerações finais

A formação continuada significou uma oportunidade de qualificação em dança para as professoras do Ensino Fundamental I do município de Maurilândia, visto que muitas dificuldades e desafios apresentados nas entrevistas foram divididos em temáticas e tratados nos módulos. As reflexões sobre o ensino da dança contribuíram significativamente para ampliar e aprofundar o processo de ensino e aprendizagem desse conteúdo em âmbito local, valorizando a dança como conhecimento artístico.

Conduzimos às professoras a reconhecerem e a valorizarem as danças da cultura local, para isso partimos da proposição de um olhar atento sobre as danças

⁵ JESUS, Jovair Batista de. **Da dança que se pensa para a dança que se dança**. Orientadora: Profa. Dra. Luciana Gomes Ribeiro. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes - PROFARTES) - Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia. Goiás, 103 fls. 2023. (Não publicado).

⁶ O *TikTok* é uma rede social de vídeos e muitos dos vídeos que aparecem no feed são de desafios de dança.

que permeiam o convívio social da população de Maurilândia. Instigamos a movimentação da dança através de gestos espontâneos, convidando as professoras a vivenciarem diversos ritmos dançantes na expectativa de causar-lhe uma experiência significativa e o entendimento de que esses ritmos têm lugar na escola. para um aprendizado que fosse capaz de levar as professoras a apreciarem empaticamente a dança do outro. Travamos inúmeros diálogos sobre as temáticas procurando provocar o pensamento crítico a respeito da dança, sempre buscando um equilíbrio respeitoso entre o nosso saber, o das professoras e o do grupo, instigando a fala e escutando atentamente a emergência de vozes e desejos, entendendo que cada um tem suas diferentes vivências sociais, o que implica em diversas formas de interpretação do mundo.

A revista busca apresentar a pesquisa de uma forma mais descontraída, voltada para o leitor que procura uma leitura bem-humorada, animada, agradável e prazerosa, que o estimule o desejo por querer ler mais. Silva e Nascimento (2018, p.238) problematizam a idealização advinda do senso comum de “que no Brasil não se lê, ou que se lê mal”. Entretanto, quando fazem tais afirmações desconsideram as leituras cotidianas, casuais, expostas inclusive em revistas de entretenimento, causando um preconceito por essas leituras e pelas pessoas que as leem, os leitores populares. São esses leitores que pretendemos alcançar.

Sugestionamos pensar em formações permanentes em dança para essas professoras, que podem ser realizadas através de seminários, palestras, grupos de estudo, oficinas ou apenas encontros. Notamos que a dança é resistência na escola e que só possibilitar o acesso não é suficiente, precisamos de políticas públicas que valorizem a dança enquanto movimento cultural fora e dentro das escolas.

5. Referências bibliográficas:

ABREU, Francinete de. **Nasce uma estrela:** Maurilândia. Goiânia: Kelps, 2005.

ALLEMAND, Débora Souto; BONFIM, Larissa. Danças a um click de distância: extemos geográficos e aproximações tecnológicas. *In:* BALDI, Neila Cristina; ARAÚJO, Lauana Vilaronga Cunha de; ZANELLA, Andrisa Kemel. (Org.). **Processos criativos, formativos e pedagógicos em dança.** 1ª ed. Salvador: ANDA, 2020, v. 1, p. 20 – 35.

AZOUBEL, Juliana Amelia Paes. Professor Dançante: a nossa dança dentro e fora dos muros da escola. *In: XXIV CONFAEB*, 2014, Ponta Grossa. **Anais CONFAEB**, 2014.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, ANPEd, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002.

BRAGA GOETTEMS, M.; PRADO, P. D. Processos criativos em dança na educação infantil e metodologias participativas de pesquisa com crianças. **Debates em Educação**, [S. l.], v. 13, n. 33, p. 312-332, 2021. DOI: 10.28998/21756600.2021v13n33p312-332. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/12622>. Acesso em: 25 fev. 2023.

CAMPOS, Judas Tadeu de. Festas juninas nas escolas: lições de preconceitos. **Educação e Sociedade**, v. 28, p. 589-606, 2007.

CANSI, Lislaine S. “No canto do mundo do capital”: sobre experiência, educação e arte. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, v. 16, n. 1, p.34-56, jan-março 2020, ISSN 1984-3178. Disponível em <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/13324>.

CORRÊA, Josiane Gisela Franken; ALLEMAND, Débora Souto; JESUS, Thiago de Amorim. As danças na educação básica: nas festas escolares e para além delas. **ART RESEARCH JOURNAL**, v. 9, p. 1-12, 2022.

DE BONIS ARO, Maria Luiza P. e ANTUNES, Nathalia Serra. Conversas entre John Dewey, Paulo Freire e o que aprendemos com as educandas e os educandos. *In: CARVALHO, Francione Oliveira e EGAS, Olga Maria Botelho (orgs). Experiências de dentro e de fora*, o que a universidade pode aprender com a escola? Rio de Janeiro: Bataque; Juiz de Fora, MG: Mirada, 2021.

FARIAS, Jéssica Dimon; MARINHO, Alcylane. Lúdico e danças circulares: reflexões sobre um grupo em um centro de saúde em Florianópolis (SC). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo v. 33, p. 61-70, Jan-Mar, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/170274>. Acesso em: 06/10/2023.

FIAMONCINI, Luciana. Dança na Educação: a busca de elementos na arte e na estética. **Pensar a Prática** (UFG), Goiânia, v. 06, p. 69-72, 2003.

FLORES-PAREIRA, Maria Tereza; DAVEL, Eduardo; DORNELLES DE ALMEIDA, Dóris. Desafios da corporalidade na pesquisa acadêmica. **CADERNOS EBAPE.BR** (FGV), v. 15, p. 194-208, 2017.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, 15 (42), 2001 p. 259-268.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LARA, Larissa. Michelle; VIEIRA, Alba. Pedreira. Em foco ... o corpo que dança: experiências docentes e intersubjetividades desafiadas. *In*: Larissa Michelle Lara. (Org.). **Abordagens socioculturais em educação física**. Maringá: EDUEM, 2010, p. 137-182.

MACEDO, Cristiane Rosa de. As diversidades do espaço de dança na rede pública do Rio de Janeiro. *In*: BALDI, Neila Cristina; ARAÚJO, Lauana Vilaronga Cunha de; ZANELLA, Andrisa Kemel. (Org.). **Processos criativos, formativos e pedagógicos em dança**. 1ª ed. Salvador: ANDA, 2020, v. 1, p. 67 – 80.

MARQUES, Isabel A. **Linguagem da dança: arte e ensino**. 1ª ed. São Paulo: Digitexto, 2010.

MARTINS, Denise Aquino Alves. Produção de sentidos na experiência estética para si e o outro: Memórias em mosaicos de (auto)formação? *In*: IX Anped SUL, 2012, Caxias do Sul. **Anais do IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul-ANPED SUL**, 2012. p. 01-17.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Para encantar, é preciso encantar-se: danças circulares na formação de professores. **Cadernos CEDES** (impresso), v. 30, p. 40-55, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/ffFTgB7LCvKTfKQV6PbHjRK/?lang=pt>. Acesso em: 06/10/2023.

PORPINO, Karenine. **Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/25583/3/Dança%20é%20educa%20%C3%A7%C3%A3o.pdf> (e-book).

PORPINO, Karenine de Oliveira. Experiências do movimento e a formação do professor de dança. **Holos** (natal. impresso), v. 5, p. 44-53, 2014.

RUZZA, Janete Aparecida Partell. **Professores de Artes: formação continuada e os reflexos na sala de aula das séries iniciais**. Unesp Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Campus de São Paulo Instituto de Artes Programa De Pós-graduação Em Artes Mestrado. São Paulo:[s.n.], 2008.

SARDELICH, Maria Emília. Formação inicial e permanente do professor de arte na educação básica. **Cadernos de pesquisa** (Fundação Carlos Chagas. Impresso), São Paulo, p.137-152, 2001.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, Kelly Maciel et al. O significado da dança circular no imaginário da pessoa idosa. **Revista brasileira de geriatria e gerontologia**, v. 24, p. 1, 2001. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/FvPvgHYc4JqwRRK5vmYSRDd/?lang=pt>. Acesso em: 06/10/2023.

SILVA, Tarcilane Fernandes da; NASCIMENTO, Juscelino Francisco do. O perfil do leitor das revistas de fofoca no Brasil. **Rev. DIÁLOGOS** (REVDIA), V. 6, P. 230, 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/Silva%2C%20Nascimento/5055>. Acesso em: 21/02/2024.

TOMAZ, Renata. “Criança pode cantar e dançar funk?” – as repercussões dos vídeos de MC Melody e as disputas no campo da infância. **Estudos semióticos**, p. 90-97, vol. 12, n. 2, dezembro, 2016.

VIEIRA, Marcílio de Souza. Tessituras da dança: o seu fazer artístico, o seu viver, o seu ensinar e aprender. **Revista da FUNDARTE**, Montenegro, p.143-170, ano 18, nº 35, janeiro/junho. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.dov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>>. 18 de junho de 2018.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, **Tomaz Tadeu**. Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, P, 7 – 72.